



## II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ROTA DO ROMÂNICO

AMARANTE 11 | 12 DEZEMBRO 2014

### Memória, Identidade e Património: Representações e Processos Sociais

O desejo de património, entendido aqui como vontade de preservação de uma matéria tangível ou intangível, assenta na ideia de que há valores comuns a um conjunto de homens e mulheres do presente que se encontram vinculados a um território e a um passado de que se supõe serem herdeiros.

Nas últimas décadas, esse desejo não apenas aumentou, como se reconfigurou, ganhando uma centralidade cada vez mais evidente. Ao monumento, que deve resistir à usura do tempo, juntou-se a vontade de preservação de tradições e de saberes, e estes ultrapassaram a sua raiz local para se tornarem universais e partilháveis.

Numa sociedade que parece excessivamente centrada no presente, vivendo o quotidiano de uma forma que parece apagar a espessura temporal, a memória entrelaça-se com a História, ora a completando, ora rasurando o seu sentido hegemónico.

Perceber a importância e o lugar que cabe ao património e aos processos de patrimonialização, passa, então, por inquirir os processos de atribuição de sentido ao passado e aos objetos e conteúdos imateriais que dele herdámos. Desta forma, a matéria patrimonial não reporta tanto ao projeto de reconstituição ou preservação do passado, mas muito à compreensão dos processos sociais que são gerados em torno do património.

Se a memória coletiva, matéria difusa e descentrada, é indispensável na criação das identidades sociais, a sua relação com o património levanta questões complexas a que importa atender – como se relaciona o universalismo atribuído a uma expressão patrimonial com a sua vinculação local? Como articular a representação que o grupo produz sobre si próprio com as que são legitimadas em instâncias formais, como o Estado ou a UNESCO? Que laços podem ser tecidos entre memória e história?